



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

CARMEM REGINA DOS SANTOS AVELINE

(depoimento)

2002

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-17

Entrevistado: Carmem Regina dos Santos Aveline

Nascimento: 13/09/1942

Local da entrevista: Residência da entrevistada - Porto Alegre/RS

Entrevistadores: Júlio Cesar Perciúncula e Berenice Machado Rolim

Data da entrevista: 17/12/2002

Transcrição: Berenice Machado Rolim

Conferência Fidelidade: Júlio Cesar Perciúncula

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Fitas: (01 fita) 17/01-A e 17/01-B

Total de gravação: 41 minutos

Páginas Digitadas: 22

Catálogo: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 0889/2004/01

Número de registro da fita: 0889/2004/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

AVELINE, Carmem Regina dos Santos. *Carmem Aveline (depoimento, 2002)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2004.

Sumário

O início do relacionamento da entrevistada com Jorge Aveline; suas relações com as lutas; relatos sobre lutadores em Porto Alegre nos anos 70 e 80; o cotidiano das competições de luta; breve consideração sobre o esporte feminino no período; o envolvimento de Jorge Aveline com o universo das lutas; a mídia e as lutas; publicações e livros de autoria de Jorge Aveline; material histórico colecionado pela entrevistada.

Porto Alegre, 17 de dezembro de 2002. Entrevista com Dra. Carmen Aveline, a cargo dos pesquisadores Júlio César Bueno Perciúncula e Berenice Machado Rolim para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.P. - Bom, eu acho que para começar... O Jorge Aveline, certo? Como foi que vocês se conheceram ou quando?

C.A. - Em 13 de abril de 1966. Eu havia terminado o curso de técnico em contabilidade em 1965, aí andava procurando emprego já para começar a me dedicar à contabilidade. E foi muito interessante porque em uma missa de sétimo dia, a minha avó compareceu à missa e ela errou a hora do início da missa, então, ela chegou meia hora antes e era muito frio: o mês de abril foi um mês frio daquele ano de 66. Então ela ficou parada na porta da igreja e disse que depois chegou um carro e um senhor desceu e perguntou: “A senhora está esperando a missa do fulano de tal?” Diz ela: “É, mas eu acho que eu errei, é daqui a meia hora.” Então ele convidou: “Mas a senhora não vai ficar aí nesse frio, venha sentar comigo no meu carro.” E levou a minha avó, a minha avó sentou com ele e começaram a conversar. Minha avó muito conversadeira, filha de português, conversa vai conversa vem, lá pelas tantas ele disse que tinha um escritório de contabilidade. Diz ela: “Mas que interessante, a minha neta, nesse ano que passou se formou em contabilidade e está procurando emprego.” “Ah, mas se ela for assim como a senhora, uma pessoa de bem.” Aí começou aquela rasgação de seda entre os dois e me mandaram que eu fosse no outro dia lá para conversar com ele. Aí no outro dia eu fui com a minha avó e conheci o professor Aveline. Tremi muito, fiquei muito nervosa quando olhei aquele mundo de diploma e aquele escritório grande. Digo: “Meu Deus, vou cair justo na mão de um dos papas da contabilidade. Mas quem tá na chuva é para se molhar.” E fiz um contrato de experiência naquele mês de abril e no mês de maio. Quando chegou no dia primeiro de junho, ele me chamou e disse que eu estava me saindo bem e me contratou. Então dali em diante eu passei praticamente a conviver com ele de manhã até a noite na parte de...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

J.P. - Então passavam o dia inteiro...

C.A. - É aí a gente começou a conviver durante todo o dia. Eu fui me interagindo do trabalho do escritório, e em seguida, veio a parte de declarações de renda; então mais tempo a gente convivia e serão vai, serão vem, a coisa foi passando mais para o lado pessoal e a gente iniciou um relacionamento que só terminou em junho de 90 quando ele faleceu. E foram vinte quatro anos.

J.P. - Sim.

C.A. - Fui convivendo com ele.

J.P. - E desde o começo tu já percebeste a atuação dele com relação às lutas?

C.A. - Ah sim, porque lá no escritório... [toca o telefone] Vai começar, será? Até agora ninguém tinha me ligado. [afirmação relacionada ao telefone]

J.P. - Então, tu falavas sobre os contatos com os lutadores.

C.A. - Sim. É, a gente tinha contatos com os clientes, do trabalho do dia-a-dia, mas paralelamente a isso, era um escritório de lutadores. Porque eles entravam a toda hora: era gente da Federação¹, eram atletas, porque o Jorge tinha uma coluna no Jornal do Comércio - uma coluna diária. O nome da coluna era Ringue, então, ali ele dava todo o noticiário de todos os atletas de qualquer modalidade que fosse ringue e tatame.

J.P. - Sim.

C.A. - Então, judocas iam lá, pais levavam fotos de filhos ou atletas iam lá levando fotografias ou pedindo que a coluna fosse até os locais para fazer as reportagens. Então, era um escritório de assessoramento empresarial, porque só trabalhávamos com pessoas jurídicas e ao mesmo tempo um escritório, digamos que fosse uma continuação da Federação. Depois que veio as lutas de “catch” passou a ser o escritório do Moacir² praticamente. Era uma coisa impressionante, um dia nós estávamos trabalhando e entrou

¹ Federação Rio-Grandense de Pugilismo

² Moacir Lauro Dorneles.

um homem todo encapuzado no escritório com um papelzinho e não falava o português direito, uma touca e uns óculos e não tinha maneira, ninguém se entendia com ele e a menina da porta chegava para mim e dizia: “Doutora Carmem, pelo amor de Deus! Eu não entendo aquele homem, acho que é assaltante.” Então, ficou um burburinho. Aí eu pedi que ele escrevesse e ele escreveu “Tigre Paraguaio.” Aí eu digo: “Mas não pode ser o mesmo.” [risos]. Aí eu mandei ele entrar até que o Jorge chegasse, aí depois de muita conversa falando um portunhol ele, então, chegou de viagem pra participar do Ringue 12³ e não tinha ninguém para esperar. Então conversando com os motoristas de táxi: “Olha, só tem uma pessoa que pode quebrar o teu galho, o professor Aveline. Vou te levar no escritório dele.” Aí ele desceu, ainda tivemos que mandar alguém pagar a corrida de táxi dele, porque o coitado veio assim sem nada, sem ninguém. Isso pra vocês terem uma idéia de como a coisa funcionava.

J.P. - Qual é exatamente a participação do Jorge no Ringue 12?

C.A. - A participação *oficial* dele era só de transmitir as lutas pelo Canal 10 - não pelo Canal 12, porque elas começaram antes em uma outra emissora. Mas o “rush”, digamos, das lutas foi no canal 12.

J.P. - É.

C.A. - Então, ele ficava ali apresentando as lutas, mas como era amicíssimo do Moacir que era o empresário, Moacir Lauro Dorneles que tinha o nome de Tarzan Mirim. Então, lutador pistoleiro⁴ não era marmeleiro, era pistoleiro a diferença básica entre os dois tipos de lutas.

J.P. - Sim.

C.A. – Ele só subia no ringue por pistola. O Tarzan tinha uma amizade muito grande com o Jorge, então, tudo que era problema que aparecia ele ia se aconselhar com o Jorge.

³ Programa de luta livre que acontecia todos os domingos a noite no Ginásio da Brigada Militar.

⁴ Entre os lutadores da época pistoleiro era a gíria que designava o lutador que não aceitava participar de combates onde o resultado fosse combinado antecipadamente. Marmeleiros, ao contrário, eram aqueles que aceitavam este tipo de arranjo dado aos combates.

Digamos que ele fosse, assim, um conselheiro e aí acontecia com *todo* mundo: quando o lutador ia para as boates de noite e quebrava tudo, quem ia soltar era o Jorge; coisas assim, como houve com o Bob Olson⁵, com o El Duende⁶, essa turma que se passavam um pouquinho na água que passarinho não bebe.

J.P. - Bob? Tu falastes.

C.A. - Olson.

J.P. - Olson, Bob Olson e o outro?

C.A. - O outro era o El Duende.

J.P. - El Duende [riso]. A respeito... Tu comentaste agora um ponto importante: as lutas. Elas tinham, eram lutas pré arranjadas... E também tinha os pistolas, não é?

C.A. - Sei.

J.P. - É, nos fala um pouco mais. Eu pergunto porque o “catch as catch can”, eu tenho uma informação de que ele teve uma fase que ele se caracterizou por lutas reais. E depois em uma segunda fase eram só lutas arranjadas. Como é que tu enxergavas isso na época? Como é que se dava isso?

C.A. - É, nas lutas essas de espetáculos todos os resultados eram arranjados. Eu me lembro de alguma vez que o Moacir, quando veio do vestiário, passou pela mesa de transmissão e nos olhou e fez assim⁷, então a gente sabia... Aí o pessoal já ficava de sobreaviso, mas isso só acontecia muito raramente quando havia, digamos assim, aquela rixa de estrelas. Quando um ficava muito popular com as meninas e dava muito “Ibope”, o outro ficava enciumado e daí chegava na hora o Moacir entrava no vestiário e dizia: “Fulano, tu fazes assim: tu vais perder e tal.” “Ah, eu não perco, não perco, não perco.” E a televisão

⁵ Nome sujeito à confirmação.

⁶ Nome sujeito à confirmação.

⁷ Moacir teria feito um gesto com a mão, imitando uma pistola com o indicador e o polegar estendidos enquanto que os demais dedos da mão estariam flexionados.

entrando no ar e aí, de repente, a coisa... Quer dizer, na maioria das vezes o Moacir dava um “chega para lá”, porque nenhum deles tinha condições de em uma pistola enfrentar o Moacir, não é. Mesmo o Moacir já mais idoso...

J.P. - Sim.

C.A. - Ele foi um lutador excelente, então a coisa funcionava... Tinha aqueles que a gente sabia que eram marmeleiros, não é...

J.P. - Sim.

C.A. - Quanto mais... Não tinham condições de subir na pistola com ninguém. Mas esse baixinho que eu falei era tihoso: o Bob Olson era um deles.

J.P. - Então, de vez em quando, a luta que era para ser arranjada, virava uma pistola.

C.A. - Virava.

J.P. - As lutas pistola... Onde elas ocorriam, como é que elas se davam? Como eram organizadas?

C.A. - Não, as de pistola que eu falei, que eu presenciei durante o Ringue 12 eram raríssimas.

J.P. - Sim.

C.A. - Aconteciam eventualmente. Fora dali eu não presenciei nenhuma porque nesta época de 66 para cá, no âmbito de onde eu participei, elas não aconteciam.

J.P. - Sim.

C.A. - Dizem que antigamente, no Estadinho da Borges de Medeiros⁸, que foi feito pelo meu marido. Estão todas as fotos ali na... Desde quando ele colocou a plaquinha, onde hoje é o Cristaleira do INSS⁹. Então, ali tinham lutas só na pistola. Mas essa parte eu infelizmente não presenciei. Só sei de o Jorge falar que teve luta, que saíram brigando e que saíram do ringue, saíram pela Borges à baixo se batendo e o público todo atrás e entraram dentro do cinema Vitória e acabaram com a sessão de cinema. Isto tudo são histórias que ele me contou; eu pessoalmente não participei, mesmo porque eu era de uma outra juração. De repente até nem existia nessas épocas, não sei bem.

J.P. - Pois é. E a data de nascimento do Jorge?

C.A. - 16 de janeiro de 1922.

J.P. - A gente vai precisar da tua também.

C.A. - 13 de setembro de 1943.

J.P. - Certo. Com relação àquela fase ali da formação da Federação Gaúcha de Judô... Os acontecimentos que o Jorge participou.

C.A. - É, a Federação de Judô tu me disseste que foi fundada em 69?

J.P. - Isto.

C.A. - 69. Nesta parte eles faziam... Ele, o Gaston¹⁰, o Loanzi¹¹ se reuniam muitas vezes lá no escritório, outras vezes lá no dojô¹² do professor Loanzi: a Academia Rui Barbosa. E eu diretamente não participei, porque, enquanto o Jorge saía para fazer esse tipo de atividade, alguém tinha que tomar conta do escritório. [riso] Então eu tomava conta do escritório e eles se reuniam e faziam essa parte, as tratativas. Tinha muito telefonema, muita confusão

⁸ Nome sujeito a confirmação

⁹ Nome sujeito a confirmação

¹⁰ Ricardo Rodrigues Gaston.

¹¹ Aloízio Nogueira Bandeira de Melo.

e muita gente querendo se adonar da paternidade esse tipo de... Essas coisas... Guerra de estrela sempre.

J.P. - Sim.

C.A. - Um puxando para um lado, um puxando para o outro. Mas eu, diretamente da fundação, não participei.

J.P. - Sim.

C.A. - O que tenho são os recortes de jornal, as partes... As fotografias, eu até nem me lembro se eu tenho o contrato. Tu já tiveste acesso ao contrato?

J.P. - A ata de fundação.

C.A. - Sim.

J.P. - Eu tive acesso a ata de fundação.

C.A. - Eu não sei se tem naqueles... Quem é que te forneceu?

J.P. - No Cartório de Registro Especiais.

C.A. - Ah, tu foste até a fonte. Eu até posso procurar se eu tenho alguma coisa sobre isso. Que eu não me lembro.

J.P. - Inclusive, tem o nome de várias pessoas ali, que eu ainda tenho que verificar quem são, que constam da ata de fundação.

C.A. - Ah, então tu podes até me mostrar, que de repente eu conheço alguns.

¹² Dojô: Do: doutrina. Jô: local para o ensino. Local para o ensino da doutrina. No judô a palavra “dojô” refere-se à sala de aula de judô.

J.P. - Certo. Mas dá para dizer que houve um consenso, apesar dessa questão da paternidade, que... Mas não houve assim um... Por exemplo: da Federação de Pugilismo para a Federação Gaúcha de Judô houve um certo consenso da necessidade da fundação da Federação Gaúcha de Judô? Ou...

C.A. - Não me lembro. Eu me lembro mais desses fatos assim que eu tive participação mais ativa.

J.P. - Sim.

C.A. - Quando eu ia nos locais e quando os lutadores iam no escritório, quando os atletas iam até lá.

J.P. - Tu nos disseste que tu também praticaste judô por um tempo.

C.A. - Não, não, eu tentei praticar.

J.P. - Tentou?

C.A. - Fiquei naquele “rolê” lá no professor Loanzi, não sei quanto tempo, aí no fim cansei e desisti [risos]. Nunca saí de, é “rolê” que chama aquilo, não é?

J.P. - Na época era “rolê”, hoje é rolamento¹³.

C.A. - Rolamento. [risos] E ficava rola para lá e rola para cá, rola para lá e rola para cá, e daí de repente eu cansei daquilo e não...

J.P. - E o judô feminino, naquela época, como é que tu observaste o judô feminino?

¹³ Rolê ou Rolamento refere-se a um exercício de amortecimento de quedas no judô que consiste em uma espécie de cambalhota (como o rolinho da ginástica olímpica) para frente, onde o judoca irá procurar desenvolver um reflexo para cair oferecendo uma grande superfície de seu corpo ao solo, quebrando assim o impacto da queda.

C.A. - Era raro as meninas que participavam, eram poucas meninas que tinha ali. Que eu me lembre é que teve, a que deu maior destaque, a primeira foi a Léa¹⁴.

J.P. - Sim.

C.A. - A Léa Linhares. Antes dela eu não tenho muita lembrança assim. As pequeninhas até iam, mas depois de um certo tempo desistiam, os meninos que ficavam. Não sei se havia algum preconceito ou se achavam que era um esporte masculino. Não sei, porque a Léa era uma moça muito feminina, muito bem cuidada, não sei se por isso que certas meninas não participavam muito.

J.P. - O Jorge, ele praticou judô. E sempre judô?

C.A. - Não, boxe.

J.P. - Boxe e judô.

C.A. - Boxe e judô.

J.P. - Outra informação, na questão do vale-tudo, ele também participou?

C.A. - Sim. Ele fez algumas lutas, mas só treinamento; lutar mesmo não.

J.P. - E de pistola?

C.A. - Não, não.

J.P. - Não?

C.A. - Não, não.

¹⁴ Léa Linhares, primeira mulher faixa preta no Rio Grande do Sul

J.P. - Mas havia... Era parte do judô essa questão do vale-tudo, o treinamento para luta vale-tudo e, ocasionalmente, pistola?

C.A. - Não me lembro. Porque a parte que eu participei *mais* mesmo quando começou o “catch” na televisão.

J.P. - Sim.

C.A. - Ali que eu ia, coletava dados dos atletas. De 66 para cá, é que eu comecei a me interar da coisa na parte do “catch”, do judô e do vale-tudo. Dali para trás eu conversava com o professor Loanzi, via os atletas por lá, eventualmente ia a algum campeonato ou alguma disputa de troca de faixa, mas nunca, assim, vivenciei porque isso foi anterior a mim.

J.P. - Sim.

C.A. - De 66 para frente é que eu comecei a participar mais efetivamente. Então, pela minha memória eu não tenho... Eu até posso olhar nos escritos dele alguma coisa e vê se agente chega a alguma conclusão.

J.P. - Não, claro. O que mais assim que tu te lembras... O que mais fascinava o Jorge em relação as lutas? Quando ele chegava em casa ele comentava alguma coisa sobre as lutas?

C.A. - Mas sempre, sempre. Ele vivia... Bom, basta ver o que ele coletou, não é. Ele assinava cinco ou seis jornais - não me lembro - e trazia aqueles jornais para casa e lia todos eles e recortava e colava e... Ele se correspondia com pessoas do mundo inteiro.

J.P. - É mesmo?

C.A. - É. Que pena eu acho que alguma coisa se perdeu. Ele se correspondia com um presidente de um órgão internacional, não posso dizer precisamente qual é deles, que daí eu estaria inventando. Era sediado no México, não sei qual é das empresas, das associações, não sei se era uma confederação mundial ou alguma coisa de boxe.

J.P. - A gente vai verificar.

C.A. - É. Então ele se correspondia com esse pessoal do México. Se correspondia com um que saiu daqui do Rio Grande do Sul que foi para o Canadá; se correspondia com o Adriano Rodrigues que foi o pugilista gaúcho que foi para Itália e teve algum sucesso. Eu tenho uma pasta só do Adriano: uma pasta bem grossa, Mas daí...

J.P. - Adriano. Como é o nome?

C.A. - Rodrigues.

J.P. - Adriano Rodrigues.

C.A. - É. Adriano Rodrigues. Tenho uma pasta só dele lá em baixo, mas daí era só boxe.

J.P. - Sim.

C.A. - Não sei se interessa.

J.P. - Também.

C.A. - Também.

J.P. - Claro.

C.A. - E com o Newton Campos¹⁵, até a data do falecimento dele, ele manteve uma correspondência assim quase que semanal.

J.P. - Newton Campos, quem era?

¹⁵ Atual Presidente da Federação Paulista de Boxe e Vice-Presidente do Conselho Mundial de Boxe. Nasceu em São Carlos, SP. Em 27 de maio de 1925.

C.A. - É o presidente da Federação Paulista. Aqui entre nós, eu acho que é o profissional de maior destaque no meio jornalístico, na parte de lutas é o Newton Campos. Ele é articulista da Gazeta Mercantil da Gazeta Esportiva, em São Paulo¹⁶.

J.P. - Em São Paulo, da Federação de Judô?

C.A. - De judô.

J.P. - Sim.

C.A. - É de judô ou é de... É, deve ser judô, mas ele é mais ligado ao boxe, agora eu não me lembro bem. Ele sempre vinha a Porto Alegre. Ele veio com o Servilho¹⁷, veio com o Maguila¹⁸, veio com o Éder Jofre três vezes. E a gente tinha aqui em casa o ponto, digamos, social. O Éder, quando vinha para Porto Alegre, ele dormia no hotel, mas a Cida¹⁹ e as crianças vinham pra cá de tarde, passavam a tarde comigo. Depois, na época do Maguila, o Maguila também veio...Tenho umas fotos aí fazendo churrasco, ele com a esposa também vinham pra cá. Então era como eu disse, era uma extensão.

J.P. - O Jorge, ele se afastou um pouco do judô, na década de 80, talvez?

C.A. - Sim. Ele em 69, não 68, ele teve o primeiro infarto. Aí ele um pouco se recolheu. Não podia se incomodar, não podia... Teve que ficar um pouco recolhido até 70, 71. Só trabalhando no escritório, mas exercendo sempre essa função de conselheiro, digamos, da turma. Depois em 87, ele teve um problema de isquemia; depois, em seguida, teve mais um outro problema. Então, ele *teve* praticamente que deixar esse ambiente de, digamos, chegar mais a linha de frente. Por questões de saúde. Mas continuou sempre escrevendo a coluna dele de jornal e ajudando os lutadores. Quando eles tinham... O Moacir pôs uma casa para eles, aqui em Porto Alegre - alugou uma casa, para por só o pessoal do “catch”- , eles não iam mais pra hotel. Era uma casa: tinha uma cozinheira, tinha toda aquela infra-estrutura.

¹⁶ Cidade Brasileira

¹⁷ Nome sujeito à confirmação.

¹⁸ Adilson “Maguila” Rodrigues.

¹⁹ Esposa do Éder Jofre.

J.P. - Onde é que era essa casa?

C.A.- Era na rua - deixa eu ver: vamos contar, tem a ladeira, depois tem a rua do correio, depois era a primeira ou segunda, não sei se é - Vasco Alves²⁰?

J.P. - Acho que sim.

C.A. - Não me lembro se é Vasco Alves, qual é, é uma dessas duas seguintes. Era uma casa boa ali, uma casa térrea e ali eles ficavam. Tinha toda a infra-estrutura deles. Então, às vezes, a gente também ia lá, quando algum ficava meio choroso, se estava se sentindo abandonado, então a gente ia até lá.

J.P. - Sobre a academia Rui Barbosa, alguma informação sobre o último proprietário, tu sabes quem foi?

C.A. - Não me lembro mais. Como eu te disse, todos os dias o professor Loanzi ia tomar o cafezinho dele, aí ele era o nosso repórter, porque ele contava todos... Fazia um relatório.

J.P. - Esse cafezinho era no escritório de vocês...

C.A. - É.

J.P. - Só para constar.

C.A. - É, no escritório, no nosso escritório. Nessa época era na Andrade de Neves²¹.

J.P. - Sim.

C.A. - Em 87 nós mudamos para a Andradas²², onde é até hoje.

J.P. - E onde era antes?

²⁰ Rua General Vasco Alves, localizada no Centro de Porto Alegre

²¹ Rua do Centro de Porto Alegre

C.A. - Na Andrade de Neves, 90.

J.P. - Sim.

C.A. - Então, o professor descia ali a ladeira e já entrava na Andrade de Neves. Depois ia fazer o “footing” dele pela Rua da Praia, até porque ele tinha, assim, todo um... E ali a gente ficava sabendo de todas as...

J.P. - Na Rua da Praia ele fazia o quê mesmo?

C.A. - O “footing”, passear. Passear, caminhar na Rua da Praia, olhar as meninas.

J.P. - E vocês residiram, em que locais aqui em Porto Alegre?

C.A. - Esta casa nós viemos em 68, nós compramos aqui. De 66 até essa data, a gente só namorava. Eu morava na Coronel Massot²³ e ele tinha alugado um apartamento na Andrade de Neves, no mesmo prédio do escritório. O escritório era no quarto andar e o apartamento dele era - não me lembro se era nono ou décimo primeiro. Até a gente resolver comprar aqui, daí viemos morar aqui. E daqui não saí até hoje.

J.P. - Vocês tem filhos?

C.A. - Não.

J.P. - Não chegaram a ter.

C.A. - Pelo problema que eu encontrei...

J.P. - Pois é.

C.A. - É, Não tivemos filhos.

²² Rua dos Andradas, antiga Rua da Praia. Localizada no Centro de Porto Alegre

²³ Rua da Zona Sul de Porto Alegre

J.P. - Daria para nos contar de novo o problema...

C.A. - O Jorge, tem uma... Ele adotou uma moça uns anos atrás, antes de me conhecer; ele adotou essa moça. E, mas era só adotada dele. Depois que nós nos conhecemos, até se pensou em adotar uma criança, mas eu achei que a gente sempre viveu tão bem os dois. Eu sempre podia acompanhá-lo para tudo: era para campeonato em beira de praia e tudo quanto era lugar, e depois a vida profissional dele era muito intensa.

J.P. - Só para constar, o problema que ele teve?

C.A. – Sim, quando ele jogava futebol pelo Esporte Clube Cruzeiro²⁴, em um dia de... Um jogo final de campeonato, não me lembro a data. - Ele estava jogando e a trave furou a sola e feriu o pé, e ele ficou jogando até o final da partida, porque era uma partida importante, aí quando ele chegou no vestiário viram a extensão do dano e começaram a tratar, mas não adiantou mais, teve uma inflamação que depois se transformou em infecção e subiu por aquela perna, desceu pela outra e nessa infecção todos os espermatozoides foram mortos. E aí ele ficou impossibilitado de ser pai. Ele tinha uma mágoa, por isso, tanto que quando ele teve oportunidade, ele fez a adoção da Sandra²⁵. Mas depois quando nos conhecemos se pensou em fazer a adoção, mas eu pessoalmente não quis porque eu achei que... Eu gostava tanto de andar para tudo quanto era lugar com ele; ele tinha uma vida tão intensa que eu achei que uma criança ia perturbar nossa ligação.

J.P. - Sim.

C.A. - Porque depois eu também fui tentando seguir os passos dele. Fiz as faculdades de Ciências Contábeis e, depois, fiz a faculdade de Administração de Empresa, que não terminei e, depois, por último fiz a faculdade de Direito; tudo isso para gente pode trabalhar melhor junto levar o nosso escritório adiante.

J.P. - Tu falaste da trava da chuteira?

²⁴ Fundado em 14 de julho de 1913.

²⁵ Nome sujeito à confirmação.

C.A. - É, um prego que tem, que...

J.P. - De metal, algumas são de metal.

C.A. - Isto. Aquilo ali deu algum problema furou a sola da chuteira e cravou no pé. Até tinha o pé um pouquinho deformado por causa disso. Até o pessoal brincava... Quando chamavam, quando falavam com ele, diziam que era o homem dos sete instrumentos. [risos] porque era um excelente profissional, tem obras escritas, tem três livros escritos.

J.P. - É mesmo?

C.A. - Sim!

J.P. - Depois quero saber quais são. [riso]

C.A. - É, ele tem um do... Quando o Governador Brizola²⁶ estatizou a nossa telefônica era que ficou sendo a nossa CRT²⁷, e ele participou daquele estudo, ele editou um livro. Depois, paralelamente, no Jornal do Comércio, onde tinha a coluna Ringue, tinha uma outra coluna chamada Consultas e Pareceres. Nessa Consultas e Pareceres os empresários escreviam para o Jornal contando os problemas que eles tinham nas suas empresas e ele respondia através do jornal gratuitamente. Então, essa coluna ficou muito famosa, até hoje a gente encontra pessoas: “Ah. o professor Aveline que respondia tudo direitinho, que nos auxiliava”. Então, o pessoal sente falta de alguma coisa nesse sentido. Então, ele coletou aquelas consultas todas, que foram assim, as que tiveram maior repercussão e fez um livro chamado “Consultas e Pareceres”. E no ano de 89, na Feira do Livro de 89, ele lançou o último livro dele, que daí não foi nem consulta nem parecer, nem nada; foi alguma coisa que ele fez sobre a nova lei das sociedades anônimas. Foi um livro que teve muita aceitação, falando dos problemas cruciais das sociedades anônimas. Também está editado, também eu posso providenciar...

J.P. - Certo.

²⁶ Leonel de Moura Brizola.

²⁷ Companhia Rio-Grandense de Telefonia.

C.A. - Três volumes para vocês guardarem.

J.P. - É, deixa eu fazer aqui uma....

[FINAL DA FITA 17/01-A]

J.P. - Bom, Carmem. Eu acho que essa entrevista não termina aqui. Eu quero agradecer por hoje e a gente vai verificar o material...

C.A. - Certo.

J.P. - E, e a partir de então, com certeza, nova entrevista. [riso]

C.A. - Não, mas é como eu te disse anteriormente: quando o Gaston²⁸, me telefonou e falou e depois tu falaste também, eu achei que fosse alguma coisa sobre o judô. Então, por isso eu separei o que eu pude do judô e esqueci um pouco a figura dele: Jorge Aveline. Por que se a gente for falar dele, então daí vai mais um monte de coisa, não é.

J.P. - Sim.

C.A. - Porque, conforme eu estava falando para Berenice, ele tinha... Ele era auditor, atuário, advogado, economista, administrador de empresas, publicitário, jornalista e ainda tem um - não sei se eu falei - porque ele sempre dizia que tinha oito graduações e, eu hoje, só consigo contar sete, deve tá faltando alguma. E o principal é que com esse amor que ele dedicava as lutas livres e ao judô Ele se dedicava às profissões dele também, tanto que assim como ele tinha a coluna Ringue, ele tinha a coluna Consultas e Pareceres. Então, ele dedicava o tempo igual tanto para um como pra outro. Só que infelizmente, eu venho a... Ao redor de cinco anos, em uma briga judicial - não com os meus vizinhos porque eles não tem culpa. É que aqui do lado tinha uma paineira secular e essa paineira incomodava aqui, vivia me entupindo as calhas; eu tinha um rapaz que vinha uma vez por mês limpar, começou a vir duas vezes por mês e quando vi era toda a casa derrubava água porque a árvore incomodava nas painas, incomodava na floração e incomodava nas folhas secas,

então incomodava o ano inteiro. E eu falava com o meu vizinho para ele cortar a árvore e a SMAM²⁹ – é a SMAM, não é, que cuida?

J.P. - SMAM.

C.A. - A SMAM nunca deixou cortar, disse que era patrimônio histórico. Então, no fim eu entrei com uma ação judicial pedindo o corte da árvore e a minha indenização com todos os danos que eu sofri. Aí tive que tirar todo esse muro do lado e quando o engenheiro fez a fundação para recompor o muro - porque é um muro de arrimo, estava sendo deslocado - aí nós descobrimos que, embaixo da nossa casa, tinha uma árvore em feitiço de raiz da mesma extensão dessa, que estava fazendo assim um... Que nem uma alavanca de macaco. Estava me deslocando a casa. Então, entre...

B.R. - Nossa!!!

J.P. - Que força!

C.A. - Uma coisa horrível, entre a... O piso e a casa se formou uma brecha e por ali escorria água. Só que como eu tenho uma biblioteca no andar de baixo, a água entrava ali eu não via, porque estava escondida pelos livros. Aí quando o engenheiro me disse: “Carmem, tu tens que mexer nisso aí, quem sabe tem alguma coisa”. Que eu fui mexer nos livros, estava tudo em pedaço, quando eu pegava a capa assim, só vinha a capa.

B.R. - Judiaria!!!

C.A. - Então, ali eu perdi esse Consultas e Pareceres. Eu perdi, seguramente, de 57, 58 para cá, eu perdi todos eles. Junto eu perdi muita coisa de pugilismo, álbuns de fotografia. Até depois quando o juiz veio, o juiz não quis fazer perícia ele quis fazer uma inspeção porque ele achou que era uma coisa tão apavorante que ele veio. Então, ainda a consegui cortar a árvore, consegui tirar as raízes, só não consegui minha indenização ainda. Mas é como eu

²⁸ Ricardo Rodrigues Gaston.

²⁹ Secretaria Municipal do Meio Ambiente.

digo: até indenização das coisas materiais, tudo bem que eu até venha receber, mas essa parte assim histórica da vida do meu marido eu não vou recuperar.

J.P. - Pois é. Não tem valor.

C.A. - É.

B.R. - Não tem valor que pague.

C.A. - Isso aí foi uma coisa que me aborreceu muito porque esses Colunas e Pareceres... As pastas de Ringue, que todas, todas... Porque aqui tem *alguma* coisa, mas ele tinha toda as páginas de jornal com toda essa história, com tudo isso, desde o primeiro artigo que ele fez. Isso foi perdido com a água.

J.P. - Uma curiosidade que eu já devia ter perguntado: quando começou o interesse do Jorge por lutas? O quê que levou ele entrar para as lutas?

C.A. - Olha, desde que eu conheci ele, que foi em 66 - em 66 ele estava com quarenta e quatro anos -, ele já era assim. Já vivia dentro da luta. O quê que disparou, qual foi o gatilho, ele nunca comentou, porque ele diz que desde quase conhecia por gente, ele sempre foi ligado ao esporte. O pai dele jogava futebol, ele jogava futebol. Agora o *quê* que iniciou, não sei. Mas eu até posso falar com o irmão dele, que é vivo... É o doutor Paulo Aveline: ele foi diretor do Hospital Fêmeina³⁰ durante anos. É um médico excelente. E o Paulo é vivo ainda tem uma boa memória, de repente eu posso falar com ele para ver se ele lembra qual foi o estopim da história.

J.P. - Pois é.

C.A. - Eu já conheci ele envolvido com isso.

J.P. - De repente até pode fazer uma entrevista com o Paulo. [riso]

C.A. - Eu acho...

J.P. - Pegar umas informações que ficaram...

C.A. - É. Eu acho muito interessante, porque quando a gente conversava, professor Aveline: Ah! Aquele professor de luta? Digo não, ele não é professor de luta. Ele é um professor universitário, ele é PhD, ele eu digo...Ele só não tem dedicação exclusiva, mas ele *vive* dentro da faculdade. Todo o contador que se formou pela UFRGS³¹ foi aluno dele, porque essa prática profissional contábil, só tinha no noturno e era só ele que ministrava.

J.P. - E era obrigatório?

C.A. - Era obrigatório passar por ele. Então, tudo que o Jorge fazia era com paixão. Foi um excelente professor, foi um excelente profissional e foi um excelente desportista.

J.P. - Em que período ele participou da UFRGS? Como professor?

C.A. - Quando eu o conheci, ele já estava lá. Eu não sei se foi 59 que ele entrou ou se foi antes, levado pela mão do professor Henrique de Jarné³². Ele começou como professor assistente e depois foi efetivado. E saiu de lá - vou ter que procurar isso. Eu tenho as fotos quando ele assinou saída dele, fizeram uma pequena solenidade ali na Reitoria, o Reitor de então está na foto com ele, o professor Egon³³ que era o chefe de departamento também está ali. Tem que procurar, como eu te disse, eu fui pro lado do judô...

J.P. - Sim, sei.

C.A. - Agora que é para o lado dele, eu vou ter que começar a procurar tudo de novo, alguma coisa eu sei de cabeça outras não.

J.P. - Está certo. Bom eu acho que o próximo passo é a gente olhar o material, né...

³⁰ Fundado em 1982, totalmente dedicado ao público feminino

³¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³² Nome sujeito à confirmação.

³³ Nome sujeito à confirmação.

C.A. - Está bom.

J.P. - Que é bem extenso. E logo, o quanto antes, eu vou entrar em contato contigo.

C.A. - É. E o meu próximo passo é daí sair procurar esses dados históricos.

J.P. - Sim.

C.A. - Alguma coisa tenho no escritório, outras eu tenho aqui em baixo. Partir para os álbuns de fotografia também que é onde tem. Porque se a gente vai começar a falar na vida dele, depois de 59 a 63 ele foi secretário do Governador Brizola, e tem *todo* o lado político dele. Tudo que ele fez enquanto esteve na presidência do “Cânion”. A coisa vai longe.

J.P. - [riso] Está certo. Então, Carmem muito obrigado, certo.

C.A. - Foi um prazer conhecer vocês dois. Eu fico *muito* feliz de que alguém tenha se lembrado, não só por mim, mas por todas, digamos as viúvas e parentes de homens e mulheres que tiveram projeção. E quando essas pessoas morrem a família fica desesperada pela perda da pessoa, mas, principalmente, pela perda da memória do que a pessoa fez. Quando o Jorge morreu, eu tive telefonando para um e outro, para um e outro, querendo doar as coisas pra que as pessoas vissem... Como um menino de bom berço, mas sem muito dinheiro, de pais separados, como a pessoa pode vencer, pode conseguir chegar onde ele chegou. E ele tinha, assim, uma força impressionante: era um homem que trabalhava, eu acho que... Poucas horas de sono porque ele dizia que tempo dormido é tempo perdido. [risos] E vocês vêem que é verdade porque para mim ele morreu relativamente cedo. Um homem de sessenta e nove anos hoje é um homem jovem, ainda mais ele com a compleição física que tinha. Nunca teve um problema estomacal, nunca teve uma dor de cabeça, nada. Eu chamava ele de meu trator, porque ele vivia correndo e aquilo era a mil por hora sempre, só que o coração falhou antes do tempo.

J.P. – Bom, o material vai ficar... Além de ficar com a instituição que é a UFRGS da qual ele fez parte o grupo que compõe o CEME³⁴, é um grupo de pessoas que são apaixonadas por memória, por história. Vai ser tratado com muito carinho.

C.A. - Que bom. Eu posso dizer que eu fico mais contente do que vocês, mais aliviada também.

B.R. - Com certeza a gente vai fazer todo o inventariado do material. E vamos fazer um ato de doação legal disso, esse é o nosso procedimento.

C.A. - Que bom.

B.R. - Nosso compromisso com as pessoas que nos passam o material que não tem valor monetário... É um valor histórico, só quem conhece a história é que pode valorizar isso. E essa é nossa intenção, eternizar.

C.A. - Que bom.

J.P. - Então, tá. Muito obrigado.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

³⁴ Centro de Memória do Esporte